

## ENTRE REMENDOS E ACOLHIMENTOS

### A ocupação Ksa Rosa

Fernando Fuão<sup>1</sup>  
José Carlos Lemos<sup>2</sup>  
Gihad Abdalla El Khouri<sup>3</sup>

#### Resumo

O exercício parte da urgência de produção de novos instrumentos de aprendizagem para intervenções arquitetônicas não mais pautados pela prática de projetos convencionais que se têm mostrado incapazes de enfrentar as especificidades e espacialidades de moradores de rua, ocupações e favelas. A proposta é estabelecida a partir de um fazer arquitetônico de Projeto Arquitetônico 2 (Faculdade de Arquitetura, UFRGS), na *Ocupação Ksa Rosa*, e tem como fundação a questão levantada pelo filósofo Jacques Derrida do “acolhimento-hospitalidade”, que implica numa ética da alteridade, e, aqui, nas diferenças culturais que se apresentam nas produções espaciais informais. Palavras-chave: acolhimento, ensino de projeto arquitetônico, ocupações.

#### Abstract

The exercise starts from the urgency of producing new learning instruments for architectural interventions that are no longer guided by the practice of conventional projects that have been shown to be incapable of facing the specificities and spatiality of street dwellers, occupations and favelas. The proposal is based on an architectural work in the “Ocupação Ksa Rosa” and is based on the fundamental question posed by the philosopher Jacques Derrida of the “reception-hospitality”, which implies an ethic of alterity, and here, in the cultural differences that present themselves in informal space productions.

Keywords: hospitality, teaching of architectural and urban design, occupations.

<sup>1</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese *Arquitectura como Collage*, Pós Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS).

<sup>2</sup> Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), especialização em Ensino e Pesquisa na Arquitetura pelas Faculdades Integradas Ritter dos Reis (1995), especialização em Patrimônio Cultural, Conservação de Artefatos pela Universidade Federal de Pelotas (1996) mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Atualmente é professor concursado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR, 2015). Pós graduando em Artes Híbridas também pela UTFPR, atualmente desenvolve pesquisa de Mestrado no programa de pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR, UFRGS).



Figura 01 - Estar Ksa Rosa.  
Foto: Leticia Durfó.

Este texto se move entre duas práticas arquitetônicas, que igualmente são duas questões. Primeiro, uma intervenção direta em paredes conformadoras de espaços de abandonos ou de exclusões, mediante perfurações, cortes, extrações, incisões ou acobertamentos, colagens, (re)vestimentos. Segundo, a produção de uma metodologia de projeto que visa intervir sobre estas superfícies especificamente localizadas em situações de ocupações. A fundação destas práticas e desta investigação metodológica é o questionamento levantado pelo filósofo Jacques Derrida do “acolhimento-hospitalidade”, que implica numa ética da alteridade, e aqui, nas diferenças culturais que se apresentam nas produções espaciais informais. E sobretudo ‘como’ se interfere nesses espaços. Fala-se da urgência de produção de novos instrumentos de aprendizagem, de uma metodologia para intervenções arquitetônicas não mais pautados pela prática de projetos convencionais que se têm mostrado incapazes de enfrentar as especificidades e espacialidades de moradores de rua, ocupações e favelas. A proposta é estabelecida a partir de um fazer arquitetônico de Projeto Arquitetônico 2 (Faculdade de Arquitetura, UFRGS), na *Okupação Ksa Rosa*, um antigo sobrado agora ocupado por uma Associação de moradores em situação de rua.

#### Inscritas, marcas, enxertos, rastros

“Marca”, do inglês antigo *mearc* (saxão ocidental) e *merc* (mércio), entre os séculos IV e X, traço, impressão, inscrição. Da raiz protoindo-europeia *merg-* de cerca de 5000 anos atrás, “limite, fronteira”. “Enxerto”, do latim *insertus* da década de 1520, “colocar, arranjar, localizar, enxertar, implantar”. Do protoindo-europeu *en*, “dentro, sobre” + *serere*, “unir, amarrar, organizar, colocar em fila”. “Incisão”, do latim *incisionem* e do francês antigo *incision* do século XIII, “cortar dentro”. Do protoindo-europeu *en* + *kae-id-*, “bater, atingir, atacar dentro ou sobre”. “Rastro”, do latim *rastrum* de antes do século XII, “rastro, marca no chão”. Do inglês do século XIII *rake*. “Inscrição”, do latim *inscriptionem* de final do século XIV, “escrita dentro, sobre”. *Criptos*, latim advindo do grego *kryptos*, “segredo, desconhecido”. Do protoindo-europeu *skribh-*, “cortar, separar”, e de *sker-* e *ker-*, “cortar, fazer uma incisão”.

Figura 02 e 03 - Rastros, marcas, inscrições.  
Foto: Leticia Durlo.



Figura 04 e 05 - Rastros, incisões.  
Foto: Leticia Durlo.

Inscrições, marcas, enxertos, rastros, incisões nas paredes, na pele da arquitetura. Palavras, dimensão histórica das coisas. Escrita, vestígio no desconhecido, dentro da terra, segredo, arranhões com significados ocultos. A escrita se move entre uma incisão, um corte e uma união, uma cola, uma ligação. O corte inscreve a diferença na vida, no corpo, na figura, no texto, na palavra. O corte é a confecção do abismo, da descontinuidade, do distanciamento entre os corpos, entre as linguagens. Profundidade que induz comunicações, expressões, manifestações distintas. Quem explora tais superfícies quer ver o que se esconde dentro, conhecer o abismo em suas entranhas, o segredo de seu conteúdo.

Pensamos tal escrita como inscrição, porque grafa, grifa, grava em sulcos fundos. Trabalho sobre as paredes que se assemelha aos das antigas escritas cuneiformes. Em seus primórdios, alguns povos faziam inscrições em pedras, na superfície da terra, em placas e rolos de cerâmica, em árvores, em ossos e couros de animais, na própria pele - como tatuagens, escarificação, regos, valas, colocação de ornamentos - para que o tempo não os apagasse da história ou para expressar significados variados. A própria epiderme se constituía na primeira superfície de inscrição, o primeiro suporte de representação. Até pouco tempo atrás, alguns instrumentos de registro como a antiga caneta de pena, a máquina de escrever, as impressoras matriciais com agulhas, seguiam o mesmo princípio da escrita que perfura, aperta, rasga e rusga o papel. Não deixaram de executar a prática milenar de marcar símbolos na celulose.

Na Ksa Rosa, os desenhos feitos nas paredes por seus usuários e moradores expressam esse desejo de uma assinalação, de marcar a superfície, de deixar rastros. Mas aí ocorrem também intervenções mais brandas e menos incisivas, tratamentos de tapar, vestir, cobrir, encobrir, recobrir, revestir as superfícies com materiais variados ou pela impregnação com tintas, como as atuais impressoras, ou mais especificamente na Ksa Rosa, grafites ou murais de mosaicos. Essa é uma tendência que ampara as práticas generalizadas de revestimento de muros, paredes, pisos, calçadas, tetos e coberturas dos ambientes arquitetônicos. Parecem obviedades, necessidades corriqueiras das construções. Mas, constituem-se muito mais em elementos expressivos de escrituras em nossas mentes do que em recursos funcionais da realidade construtiva das edificações.

O próprio cinema é uma linguagem feita de cortes sobre uma pele, uma película fotográfica, um celuloide. Este processo de recortar o filme, a pele, denomina-se em francês *découpage*. A Ksa Rosa em alguns momentos será observada como uma *découpage* histórica, registro dos diversos usos e de vivências de pessoas que por ali passaram. Neste caso, a escrita age como drama que se revela à memória.

Wolf Vostell propôs a expressão francesa *décollage* partindo da referência a ações sobre cartazes colocados nas paredes das ruas para designar o levantar voo, o decolar, o descolar, o descascar, o descarnar o que foi colado, ou aquilo que cobre, reveste e protege. Assim, no pensamento de Vostell, a vida é *décollage*. Com ela os corpos estão submetidos ao envelhecimento e à destruição permanente, aos recortes acidentais. Incessante proposta de aspecto negativo capaz de suscitar nos demais corpos uma resposta positiva, onde a pele cumpre um papel vital, pois é a parte do corpo que se expõe ao olhar. *Décollage* é uma forma de *strip-tease*, nudez do corpo representação. Para Jiri Kolar, artista e poeta tcheco, na vida nos cobrimos em uma acumulação de papéis invisíveis, onde cada capa nos faz esquecer a anterior. Mas, se por um acaso, começamos a removê-las como em um trabalho de psicanálise ficaremos atônitos com as coisas que carregamos dentro.

Para o artista e poeta Nelson de Paula, por exemplo a superfície da *collage* não se caracteriza por ter aplicações coladas, encobertas, mas sim pelo deslocamento do próprio conceito de superfície. Este conceito de deslocamento de superfície é fundamental tanto para a escrita como para a arquitetura.

Jacques Derrida entende a escrita através da ideia de enxerto. Em seu livro *Glas* (1986) nos aponta para a palavra *greffe* (estilete para escrever) como um dos nomes utilizados por Derrida para marcar o funcionamento do texto ao mesmo tempo auto referido e aberto ao outro. *Glas* é todo enxertado, cada enxerto acaba por abrigar o outro. É uma espécie de jogo situacional cuja estrutura e regras se assemelha à lei da hospitalidade. Escrita em um corpo 'espera', um 'entame' que se abre para chegada do outro, do errante, do hóspede (alteridade). Do *greffe* se passa facilmente para o *graffe*, *graphein*, *graffite* (como escrita cifrada), *gaffe*, *graffeuse*, *graffiter*.



Figura 06 e 07 - Rastros, enxertos.  
Foto: Leticia Durlo.

### Derrida e a ética/estética da alteridade

A questão de uma alteridade sincrônica está na base do pensamento generalizado de Jacques Derrida. É o fundamento das noções de *différance*, de rastro, da hospitalidade e do acolhimento<sup>4</sup>. Tais ideias se completam em perfeitas, coerentes e concomitantes circularidades ético-estéticas.

Em Derrida, a noção de rastro desloca a ideia de origem e de fim, pois evoca o movimento da *différance*, ou seja, ao mesmo tempo em que anuncia, igualmente difere, impede, renuncia. Aí, a origem é uma não-origem, uma vez que todo rastro é rastro de rastro (*trace de trace*)<sup>5</sup>. Perseguição, caçada paradoxal incessante<sup>6</sup>. Porque se aproxima sempre, mas deixando sempre a certa distância de controle. No jogo da escrita, a problemática da *différance* produz um indecível, uma diferencialidade, pois a heterogeneidade ou as oposições são suportadas, contornadas e acolhidas concomitantemente<sup>7</sup>. Dessa maneira, a *différance* produz também um “para além” do discurso familiar, previsível, calculável, abalando a ideia de *télos* (fim) do homem, e de seu próprio desejo de presença<sup>8</sup>. É uma referência à alteridade que permite pensar o problema da exclusão “para além” da sua crítica convencional. Pensar uma outra ética.

Para Derrida o traço carrega em si um duplo sentido, de traço (*trait*) e retraçamento (*re-trait*), que pode ser entendido em francês como retirar-se, retrain-se ou retraçar. Esse retraçamento do traço para Derrida pressupõe o retraimento, o apagamento, a interrupção ou a suspensão daquilo mesmo que traça. O traço também é para Derrida um quase sinônimo de ‘rastro’<sup>9</sup>. Assim, o desenho seria como um outro traço de (*trait*), grafia de palavras invisíveis. “Nada pertence ao traço, e, portanto, ao desenho e ao pensamento do desenho, nem mesmo seu próprio ‘rastro’ (*trace*). Nem mesmo nada nele participa. Ele não toca nem junta senão separando”.<sup>10</sup>

4 Também das noções de espectralidade e da topologia da caçada paradoxal.

5 DEÂNGELI, p. 176.

6 DERRIDA, 1998, p. 158.

7 ABREU OLIVEIRA, p. 5.

8 Id., *ibid.*, p. 5.

9 DERRIDA, 2010, p. 60.

10 Id., *ibid.*, p. 60.

A *différance* ou diferencialidade suscita que apenas existam rastros de rastros e diferenças. Não existem a simples presença ou a simples ausência. Não existem localizações. Deve-se abandonar aqui a estrutura dual do significante e significado, porque em seu sistema referencial um não pode ser pensado sem a pressuposição do outro. No pensamento de Derrida a razão pela qual rechaça-se o plano ideal do significado e o plano empírico do significante e também o jogo das presenças e ausências é justamente a noção em que rastro não é origem nem fim. O que se tem é um jogo de rastros<sup>11</sup>.

A questão da hospitalidade e do acolhimento desenvolvida pelos filósofos Emmanuel Levinas (1906 – 1995) e Jacques Derrida constitui-se num dos principais fundamentos teóricos da presente experiência de ensino e aprendizagem. Como desdobramento dessa teoria trabalha-se também a ideia das “Formas de Acolhimento na arquitetura”, e a importância da abertura para o acolher, expresso na arquitetura, metaforicamente, pela feição ‘Porta’. Nesse processo de acolhimento, a collage se apresenta como arte de unificar as diferenças, mas conservando-as enquanto desigualdades e individualidades. Lembrando que a collage trabalha com restos, com o descartável, com o abandonado, fragmentos, cacos, recortes.

Derrida, através dos fundamentos de Levinas, pressupõe duas figuras centrais: o hospede e o hospedeiro, o convidado e o anfitrião. Para ele o lugar não pertence originalmente nem àquele que hospeda, nem ao convidado. Pois o que importa é o gesto, é nele que esta a acolhida ao outro. Assim, hospitalidade é dar lugar e passagem ao outro, ao diferente. A Hospitalidade, como se refere Derrida “(...) é esse dar lugar ao lugar, a hospitalidade nos faz entender a questão do lugar como sendo fundamental fundadora e impensada da história da nossa cultura.”<sup>12</sup>

A hospitalidade e a interioridade são construídas por uma relação de abertura ou recorte, a qual é feita de fora por aquele que chega para o outro, de fora para dentro, ou de dentro para fora, ou simultaneamente de dentro e de fora, para constituir assim a interioridade. Em francês *hôte* designa tanto a pessoa que oferece quanto aquela que recebe hospedagem. Hospedeira e hóspede ao mesmo tempo. Dentro e fora ao

11 Id., *ibid.*, p. 54.

12 DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE. Da hospitalidade. São Paulo. Editora Escuta. 2003, p. 45.

Figura 08 - Fachada lateral. Foto: Leticia Durlo.

Figura 09 - Rastros, marcas, inscrições. Foto: Leticia Durlo.

Figura 10 - Rastros, marcas, enxertos. Foto: Leticia Durlo.

mesmo tempo, nem dentro nem fora em nenhum tempo.

A questão da hospitalidade aqui não é tratada desde um ponto de vista romântico ou turístico, mas de sim de uma afetividade perdida no tempo, fundadora do espaço da arquitetura e da cidade; e que se desvela e se reinventa hoje também no espaço da informática, no mundo internet. Em palavras mais diretas, é a hospitalidade que funda a cidade e a rede de comunicação, tanto de direito quanto absoluta: a internet nos abre esse campo ao denunciar a figura do *hoster*, do *host*, do hóspede, do hospedeiro. Hospitalidade tal como pensou Derrida, uma hospitalidade incondicional, da necessidade de uma política da hospitalidade dos países com relação aos estrangeiros e exilados, da pobreza e miséria nas cidades.

A hospitalidade é o lugar que faz repensar a arquitetura, a casa, o abrigo. O lugar que dá lugar ao lugar. O sentido sem lugar que dá sentido ao sentido. O lugar onde se deveria receber, cuidar do outro sem perguntar seu nome, seu id ou mesmo de receber aqueles que não têm papel na sociedade. No entanto, a cada dia mais nossos lugares em vez de se abrirem para os outros, de se prepararem para receber os outros, serem hospitaleiros, fecham-se em campos, em verdadeiros campos de reclusão, os quais necessitam de senhas, logins, e ids, minados de câmeras para entrar. Esse 'outro' já não é mais aquele outro, que outrora batia na porta, como no mito grego, mas sim um 'outro outro', agora, impossibilitado de até mesmo bater na porta. Nossas cidades, nossos bairros e casas se tornaram mais hostis. Os muros, as paredes, as grades, as senhas, as câmeras de controle, os seguranças, as identificações, os monitores, as senhas são alguns desses elementos arquitetônicos que promovem essa hostilidade, esse apartheid que vai do real ao virtual.

A abertura é condição da hospitalidade, assim como o recorte é condição para collage, um lugar fechado nunca é hospitaleiro para quem fica de fora. O acolhimento é sempre abertura que se faz colando. Unindo. Acolhimento já é em si a abertura ao outro, esse primeiro sim já é abertura. Abertura é abertura para a possibilidade.

O tema da hospitalidade, nos mostra que o 'campo' ou 'cercamento controlado', o park é por natureza um gerador de hostilidade. O campo separa, isola excluindo tudo o que está fora e não tem acolhida, como a pobreza periférica; exclui esses outros que estão de fora e não podem entrar e nunca entrarão, os fora do fora. Multidões empobrecidas pelo medo se fecham em seus barracos ou nos condomínios para protegerem-se. Os elementos arquitetônicos dessa triste hostilidade todo mundo conhece e os arquitetos mais ainda. Os arquitetos são educados a perpetuar desde cedo nas escolas esses modelos, criando paredes e mais paredes, cercas e mais cercas, linhas e mais linhas, grades e mais grades, câmeras, catracas e vigilantes. A linha define, separa: os de um lado e os do outro lado, os de dentro e os de fora.

Que hospitalidade é essa do Estado que governa nossas vidas desde o nascimento até a morte, e não oferece moradia, acolhimento a quem precisa? Mas o que esperar em troca quando não se tem nada para dar, muito menos uma casa para retribuir sua acolhida, o que esperar dos sem-teto, dos errantes, quando não se tem sequer comida para compartilhar. Entretanto, a hospitalidade é mais visível e mais bela ali onde falta tudo. Quando não há quase nada para oferecer, nem mesmo uma casa, só importando apenas os vínculos de solidariedade, antes mesmo de qualquer possibilidade de retribuição. O conforto não é medida, regra de hospitalidade, talvez em última análise seja rastro de uma possibilidade. O acolhimento, hospitalidade não necessariamente tem seu espelhamento no conforto ambiental, no conforto que uma casa pode proporcionar. O mito da hospitalidade se manifesta também ali nas piores condições humanas de habitabilidade quando não há quase nada para oferecer.



Figura 11 - Acesso lateral.  
Foto: Letícia Durlo.

A hospitalidade fica ameaçada numa cidade em que um grande número de pessoas não tem moradia, ou vivem em condições extremas de miserabilidade, e todas as portas que se poderiam abrir para elas estão fechadas, principalmente as portas das políticas públicas de habitação popular. A ética da hospitalidade afeta a arquitetura de muitas maneiras: no Programa de necessidades elaborado a partir do diálogo com o outro, de pré-dispor um espaço de acolhida; nas aberturas, na concepção dos espaços públicos como lugar de acolhimento das diferenças.

### Rosa que não é rosa

O prédio ocupado pela Associação *Ksa Rosa Novos Horizontes* é um antigo sobrado, localizado na Avenida Voluntários da Pátria, próximo da Rodoviária de Porto Alegre, em meio a uma das zonas de maior concentração de comerciantes da reciclagem (atravessadores) e o universo do crack. Tem relevantes características patrimoniais para preservação como paredes estruturais externas de alvenaria e divisórias internas de tabique, revestidos com pau-a-pique, entepiso com barroamento, corredor e entrada lateral sem cobertura num terreno estreito e profundo). O prédio possui variados danos e patologias que estão a exemplo do estado geral dos banheiros e cozinhas, infiltrações, goteiras, problemas estruturais e elétricos. Provavelmente construído em inícios do XX, ao longo desse tempo já foi residência, comercio, abrigo de menores infratores e delegacia de polícia. Há poucos anos atrás foi abandonado pela Prefeitura e é atualmente ocupado pela Associação, entre seis e oito pessoas. A edificação tem capacidade de abrigar um contingente maior, se devidamente adaptada.

A Associação trabalha com catadores e moradores de rua de Porto Alegre, principalmente das proximidades, que vivem da busca e separação de papelão, garrafas pet, alumínio, etc. A coordenadora Maristoni Moura juntamente com os demais coordenadores e apoiadores tem usado seu trabalho como fonte de reorganização social e produtiva do mundo da rua. A Ksa Rosa pretende ser uma casa de acolhimento e passagem e se transformar em um centro educativo, cultural, de geração de renda e de políticas de "redução de danos". Como parte de sua gestão econômica, idealiza o uso de tecnologias alternativas e sustentáveis como aquecimento solar, captação da água das chuvas e jardins verticais. Especificamente no auxílio à geração de renda, propõe o cultivo de ervas medicinais (herbário), fabricação de sabão artesanal a partir da reutilização de óleo de cozinha, oficinas de serigrafia e de costura, brechó de comercialização de pequenos objetos que os catadores encontram nas ruas, e um salão de beleza que objetiva o resgate da autoestima dessas pessoas. Também visa abrigar uma biblioteca e uma sala de atividades múltiplas (reuniões, festas, projeção de filmes), e um local para o encontro do coletivo para tratar de seus futuros projetos.

A casa se apresenta em estado de abandono e vida, uma vida reconstruída em cima dessa espécie de ruína, com os traços das passagens dessas diversas pessoas que passaram nela, principalmente quando era casa de abrigo de meninos infratores que deixaram registrados nas paredes registros de sua existência nessa casa. Esses registros, frases, pixos, grafites chamaremos grafemas, em homenagem a Roland Barthes. As paredes, os pisos, os forros, tudo foi modificado. Revestimento sobre revestimentos, sugerindo sempre uma vontade de esconder as histórias e as memórias precedentes. Assim é que, num primeiro momento, o papel dos estudantes da disciplina de Projeto II foi a descascagem, a *décollage* de algumas dessas superfícies como um rebaixamento de forro que escondia o forro original de madeira trabalhado onde se localiza a atual biblioteca, assim como a retirada dos revestimentos de tacos de madeira que foram colocados em cima do piso de tabua corrido. As paredes internas não foram interferidas pelos alunos, encontram-se com papéis de parede de diversas épocas, lambris, pinturas sobre pinturas espontaneamente descascando-se, grafites, desenhos e frases.

Cada movimento, cada traço desses “outros” que se registram nas paredes sobre formas de grafismos, grafites, buracos, cores, é nosso objeto de reflexão e reenvios a questão das heranças, patrimônios, preservações e memórias. Nossa busca de afirmação é que em cada superfície que se trabalhe possamos resgatar e exaltar a representatividade desta outra memória (daqueles que nem identidade tem em nossa sociedade) não importando quão desagradável possa parecer esteticamente e construtivamente para a maioria dos arquitetos.

Nosso pensamento é de que qualquer superfície está sujeita a essa descascagem conceitual. No caso da *Ksa Rosa*, qualquer intervenção deve considerar os sentidos conceituais de representação e de memória que indicam “de quem é o objeto, a prática?”, “para quem é a preservação?”. Assim, quando retiramos os tacos de madeira do segundo andar, observamos que haviam muitas tabuas de madeira do entrespaço comidas por cupins ou mesmo apodrecidas pela água que caía das goteiras da biblioteca. Essas tabuas exigiriam uma reposição com outras semelhantes, mas inexistindo recursos, alguns alunos propuseram substituí-las por placas de MDF<sup>13</sup> de diversas colorações, encontradas no local provenientes de moveis velhos. Passamos imediatamente a usá-las em substituição às peças danificadas, e para suprir a altura necessária sobrepussemos um MDF em cima do outro. O resultado: um piso remendado. A *décollage* dos tacos de madeira colados com piche, mesmo depois da difícil remoção do piche deixou marcas sobre o antigo piso de madeira, e foi consenso da turma pintarmos esse antigo piso de madeira com uma cor amarela, ressaltando assim ainda mais os fragmentos enxertados. Nunca houve um projeto para isso. Houve alunos que defenderam a ideia de colocar ainda um sobrepiso para não se pusesse enxergar estas diferenças. Mas, decidimos que se trataria de um encobrimento desnecessário, caindo no clichê que estrutura a arquitetura há séculos, em que os pisos devem ser uniformes, lisos e qualquer trabalho de desenho deles deve basear-se num estudo geométrico diagramático, mas jamais aleatório ou determinado por remendos. Nossa compreensão é a de que esta é uma lógica construtiva que se afasta da tradicional e convencional nos últimos séculos, um retraçamento dos rastros da própria origem da arquitetura.

Da mesma maneira, aconteceram sugestões de que fossem pintadas as paredes que estavam descascadas, e cheias de escritos e grafites, até que foi consensuado que, ao fazermos isto, estaríamos fazendo um apagamento da história contida ali, em prol de um processo de higiene visual e reforçando a lógica que paredes de casa não

13 *Medium-Density Fiberboard*, placa de fibra de madeira de média densidade.



foram feitas para serem desenhadas nem por crianças nem por adultos. Hoje elas estão como estão.

Na fachada externa principal optamos pelo encobrimento do revestimento de plaquetas que imitam alvenaria aparente pela aplicação de um mosaico coletivo quase aleatório. O mosaico sempre está próximo ao princípio da *collage*, e nessa produção trabalhamos com azulejos encontrados na casa ou na rua.

### Aprendendo com o outro

Para nós, o principal objetivo acadêmico é colocar o estudante em contato com outras realidades sociais e capacitá-lo para o trabalho projetual ativo com esses coletivos, fazendo-os ver o quanto se encontram submetidos a uma lógica perversa e restritiva da arquitetura oficializada, além do fato de promover aprendizado e capacitação em práticas da construção civil. Estimula-se a autonomia e desenvolvimento profissional dos estudantes através de sua capacidade de realização, aceitando-se as responsabilidades por eles escolhidas e assumidas, tal como na vida profissional. O papel dos professores é desviar-os das práticas repetitivas, explorar as possibilidades nesse espaço da diferença social e promover formas de diferenças da arquitetura. Não devem ser aplicados os mesmos modelos de casas ou apartamentos burgueses nestes espaços de ocupações.

Especificamente, pretende-se elaborar uma intervenção dinâmica, em constante mudança com a participação do coletivo *Ksa Rosa* e dos alunos, considerando e exaltando sempre os trabalhos anteriormente já realizados e sua continuidade (atividades de ensino de semestres anteriores). Todo o espaço da casa estará sujeito à reavaliação de propostas de programa por parte dos participantes da disciplina e da coordenação da *Ksa Rosa*. Cabe a turma avaliar o potencial de cada ambiente interno e externo e propor alternativas segundo as demandas do coletivo *Ksa Rosa*.

É possível a identificação de instâncias metodológicas no trabalho da disciplina, no entanto considerando não serem níveis estáticos ou sequenciais. Devem ser sempre considerados os atravessamentos que a postura suscita. Etapas vão e voltam, escolhas acontecem e são desfeitas, e as atividades dos alunos e professores são constantemente ressignificadas e repensadas. Trata-se de uma metodologia que, ao se colocar no presente, olha para o antes histórico e o depois como rastros de rastros. Dessa maneira, podem ser arroladas as seguintes atividades:

Figura 12 - Piso da biblioteca. Foto: Fernando Fuão.  
Figura 13 - Estudantes produzindo mosaico. Foto: Fernando Fuão.

Figura 14 - Só aprendemos quando ouvimos. Foto: Fernando Fujião.



- Rodas de conversas com a coordenação da Ksa Rosa sobre demandas, sonhos de concretização, dificuldades e, mais especificamente, o estado arquitetônico da construção;
- Levantamento arquitetônico (plantas, cortes, elevações, detalhes construtivos, levantamento fotográfico);
- Levantamento das patologias mais evidentes na casa: infiltrações diversas; inundação do térreo frontal da casa; esgotos entupidos; calhas, algerozes e tubos de queda entupidos e danificados; telhas faltantes; piso de madeira e forros apodrecidos devido a goteiras; vidros quebrados de janelas e portas; falta de esquadrias; estrutura calcinada; fiação elétrica aparente e irregular; equipamentos sanitários e banheiros danificados;
- A partir das patologias levantadas estabelecimento de grupos de trabalho para o conserto de prioridades circunstanciais. Cada grupo fica responsável pela solução técnica do problema e sempre compartilhando com os demais grupos;
- Obtenção de recursos para aquisição de materiais ou pagamento de serviços para tarefas que envolvam alto risco de segurança aos estudantes (algumas trocas de calhas e algerozes);
- O projeto arquitetônico vai se fazendo conforme os acontecimentos e demandas durante a obra, deslocamento de funções, alterações no programa de necessidades, cancelamento temporário ou definitivo de determinadas ações em detrimento de outras mais prementes;
- A disciplina de Projeto arquitetônico II ocorre 3 vezes na semana, segundas e sextas-feiras dedicamos as atividades construtivas e terça-feira para palestras e reuniões do grupo;
- Atividades eventuais como seminários, palestras de convidados especiais sobre o tema, visitas a locais de referência, a outras ocupações, orientações de problematizações de projeto.

### Retraço

Mesmo considerando todos os problemas advindos das cidades, elas e suas inerentes naturezas de concentração e auto crescimento têm se constituído na melhor opção para a vida das populações humanas crescentes no mundo inteiro. Diz David Harvey que ao fazer a cidade o homem refaz a si mesmo e, portanto, a cidade que queremos não pode se desassociar do tipo de pessoas que desejamos ser (em nossas relações sociais, com o ambiente, em nossas vidas). O direito de mudar a cidade por seus usuários e moradores é um dos privilégios mais valiosos e negligenciados, mesmo considerando as imensas dificuldades impostas pelas poderosas forças econômicas e

sociais que sempre se renovam e se diversificam na história dos processos urbanos. Ao longo do tempo estes interesses produziram oposições radicais entre desmedidas concentrações de riqueza e privilégios e um dramático “planeta de favelas” em explosão<sup>14</sup>.

Existe todo um universo a ser explorado em torno das questões que envolvem o morador de rua, o morador de favelas e os movimentos de ocupações de edifícios abandonados nos grandes centros urbanos. Qual é o espaço do morador de rua? Quais são as significações de seus espaços?

Michel Foucault (1926 – 1984) chama “heterotopias” a determinados tipos de posicionamentos que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações usualmente ocorrentes nos espaços humanos contemporâneos<sup>15</sup>. Heterotopias ou não lugares, porque são sítios negados, ou ainda outros espaços, porque são tidos como locais estranhos de gente bizarra. Nestas heterotopias existem posicionamentos contraditórios aos olhos do usuário considerado tradicional das cidades, as pessoas que conseguem minimamente pagar por seus direitos e benefícios no universo capitalista das cidades. Exemplo disto é a justaposição do público e do privado, a subversão do espaço público pelo privado, sobreposição do familiar e do social. A construção do inusitado, do exótico, do esdrúxulo é alimentada pela visão do colchão fora de lugar, de cobertores no chão de uma calçada pública imunda aos olhos de quem por aí caminha, passeia, vai às compras; de uma cama fora de uma casa, no espaço público; de pessoas deitadas, dormindo fora de lugar. Visão e sentimentos de medo, sujeita, mal cheiro, nojo, risco de contrair doenças, de tornar-se poluído, malcheiroso, contaminado. Necessidade de manter distância, não tocar. As heterotopias de morar na rua, de ocupações em condições muito desfavoráveis e morar em favelas são ao mesmo tempo de crise e desvio, porque, aos olhos das pessoas tratam-se de crises humanas e subversões à normalidade, um outro olhar que parte justamente daquele que não tem morada. Jacques Derrida (1930 – 2004) chama a isto uma outra ética, a ética da alteridade.

Na verdade, seguimos a mesma lógica do outro, fragmentos de materiais variados,

<sup>14</sup> HARVEY, 2009, p. 9.

<sup>15</sup> FOUCAULT, 2001, p. 414. O posicionamento é, para Foucault, a caracterização do espaço de nossos dias em sequência ao espaço da extensão, a partir da época de Galileu e do espaço da localização ocorrente no longo período medieval. Constatar a emergência de novos tipos e concepções espaciais não aponta no sentido da supressão ou extinção das noções anteriores. Convive-se, atualmente, com sacralizações dos três tipos.

Figura 15 - Pela janela. Foto: Letícia Durlo.

Figura 16 - Pela porta.  
Foto: Leticia Durilo.



descartados, frágeis, efêmeros e dilacerados são usados em suas construções, incessantemente interferidas, continuamente transformadas e sem unidade. Essa arquitetura é precária e suas soluções fazem parte de uma herança secular onde não há forma predeterminada a alcançar, ou seja, não há projeto como na arquitetura convencional feita por arquitetos. Participa de uma racionalidade “outra” expressa por uma explosão de formas e texturas inevitavelmente diferentes umas das outras. Seu objetivo estrito é produzir abrigo, algo que cubra, revista, proteja, esconda, marque. Um interior, uma demarcação entre um dentro e um fora. Prática de abrigar que acontece em vários níveis, desde caixas de papelão e pedaços de plástico sobre uma calçada até o barraco de tijolos e telhas numa favela. E que é completamente diferente do habitar da arquitetura que conhecemos como convencional. Um sempre provisório, outro produzido para ser perene. Essa cultura informal e marginal produz complexidades tanto espaciais quanto temporais.

Nesta disciplina, a “elaboração de projeto” é considerada enquanto atividade teórica, como teoria do fazer. Em outras palavras não há um projeto traçado previamente, um traço definidor. As aulas práticas, as ações de execução, serão implementadas sempre sob a supervisão dos professores. Todas as práticas e ações são colaborativas e não competitivas, estimula-se o rodízio de tarefas de serviços para que todos de um modo geral possam tomar ciência de todas atividades e trabalhos que estão sendo realizados. Privilegia-se na dinâmica de ensino não só os aspectos pragmáticos que envolvem e determinam uma intervenção deste tipo, mas como aprender sensibilidades, não arrogância e respeito necessárias ao tratar com os trabalhadores e os coletivos de moradores de rua, sobretudo a ética que deve permear todo o fazer da arquitetura. O único traço necessário é o retratado do corpo edifício já existente, o levantamento, o retrato do edifício em seu envelhecimento, uma espécie de rastreamento.

Ou seja, não se trata também de um só fazer construir como prática de projeto, há uma questão ética filosófica que permanece como pano de fundo como vimos, mas também a questão de como esse pensamento desce até as minúcias da matéria, dos aspectos construtivos, as intervenções e ao “modo” de como proceder em cada ato de intervenção.

O contínuo contato com a estética da alteridade, a heterotopia, o estranhamento, o grotesco, o sujo, o fragmentário, a collage, remendos, improvisos, “baixa tecnologia”, “não arquitetura” induz o estudante a se posicionar praticamente: O que fazer? Como fazer? Como executo? A ideia é de que se pode agir arquitetonicamente sobre as heterotopias, preservando sua alteridade, mediante a metodologia de intervenção mínima, considerando a problematização do projeto convencional e valorizando sua própria estética.

No projeto Ksa Rosa, as versões da disciplina, semestre a semestre serão cumulativas, tendendo ao objetivo ao longo do tempo. Trata-se, pois, de um projeto dinâmico que passará cada semestre onde os alunos e o coletivo Ksa Rosa serão protagonistas semestre a semestre. Um projeto aberto, e ao mesmo tempo ciente das necessidades



Figura 17 - Biblioteca.  
Foto: Leticia Durilo.

emergenciais que devem ser traduzidas em ações imediatas.<sup>16</sup>

Nosso entendimento é que o projeto deve constituir-se em ação e realização, por mais insignificantes que possam ser para muitos, pois o que é pouco para alguns é muito para outros. Com isto apagam, matam a característica estética e cultural principal que é a mobilidade. É necessário levar em conta que o projeto arquitetônico que é praticado nas escolas de arquitetura, em sua grande maioria, além de não incentivar a participação, aniquila os sentidos de movimento natural, de fragmentação, de labirinto e de rizoma destes espaços. Na pretensão de preservar o espaço-movimento, se deve abandonar posturas demiúrgicas. Arquitetos e urbanistas, através justamente de projetos antecipadores, totalizadores, projetos que determinam um modo único de existência, um modo padrão de habitar acabam por impor seus próprios valores de ordenação sobre estas dinâmicas desconhecidas, heterotópicas.

#### Referências bibliográficas

- ABREU OLIVEIRA, Ana C. *Justiça e Ética no pensamento de Jacques Derrida*. Tese doutoral. Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Filosofia da Puc-Rio, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.
- COULANGES, Fustel. *A cidade antiga*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1981.
- DEÂNGELI, Maria A. *Le monolinguisse de l'autre, de Jacques Derrida: uma escritura idiomática da língua*. Fragmentos, Florianópolis, número 35, p. 173/189/ jul - dez/ 2008. Arquitectos, São Paulo, ano 04, n. 047.07, Vitruvius, abr. 2004
- DELEUZE, Gilles. *El pliegue, Leibniz y El barroco*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.
- DERRIDA, Jacques. *Glas*. Lincoln & London: University of Nebraska Press, 1986.
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Colección Estructuras y Procesos, Serie Filosofía. Editorial Trotta, S.A., Madrid, 1998.

<sup>16</sup> Durante o primeiro semestre de 2017, a turma de P2 fez uma série de reparos como cortes e colocação de vidros que faltavam nas janelas e portas, limpeza da sala da biblioteca, retirada das tábuas do assoalho da biblioteca que estavam apodrecidas por cupins e umidade, limpeza das tábuas restantes, aplicação de anticupim, cortes e recolocação de novas tábuas conseguidas através de doação (MDF), pintura do piso, recuperação das portas da biblioteca, trabalhos de produção de mosaicos e colocação na fachada da Ksa Rosa, entre outras atividades. Muitos materiais foram doados pelos alunos e parentes, - sobras de construção - e por iniciativa dos alunos se montaram estratégias para obtenção de recursos (como ações entre amigos, venda de postais e venda de salgados e doces nas festas do DAFA) para iniciar os trabalhos de conserto das goteiras do telhado do volume da frente da casa, trabalho esse para o qual foi necessário contratar um profissional de funilaria. Simultaneamente elaborou-se o levantamento arquitetônico do prédio e as primeiras propostas de projeto, não chegando a se constituir um estudo preliminar do todo como projeto, embora debatido e construído em várias aulas entre os alunos e a coordenação da Ksa Rosa, pois nesse semestre optou-se pela recuperação da biblioteca, o alvo pormenorizado do projeto e execução, entretanto sem perder a ideia do todo.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Memórias de Cego: O autorretrato e outras ruínas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

DORFMAN, Beatriz R. *Relações entre a arquitetura de Peter Eisenmann e a filosofia de Jacques Derrida*. Tese doutoral. Porto Alegre: PROPARG-UFRGS, 2009.

DUFOURMANTELLE, Anne. *DERRIDA, Jacques: Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

EICHEMBERG, André T. *Moradores de rua: paredes imaginárias, corpo criativo*. Arqtextos, São Paulo, ano 04, n. 047.07, Vitruvius, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/04.047/597>>.

EISENMANN, Peter. *Diagram diaries*. London: Thames & Hudson, 1999.

FLUSER, Vilém. *Debate sobre collage*. In: LIMA, Sergio. *Collage em nova superfície*. São Paulo: Editora Parma, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos III*. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422.

FUÃO, Fernando. *O sentido do espaço, em que sentido, em que sentido?* Disponível em: <<http://vitruvius.es/revistas/read/arqtextos/05.050/563>>. Julho 2004.

FUÃO, Fernando. *A interioridade da arquitetura*. Rio de Janeiro: Cadernos PROARQ; FAU, UFRJ, [http://www.proarq.fau.ufrj.br/site/cadernos\\_proarq/cadernos-proarq\\_14.pdf](http://www.proarq.fau.ufrj.br/site/cadernos_proarq/cadernos-proarq_14.pdf).

FUÃO, Fernando. *As formas do acolhimento na arquitetura*. In: Derrida e arquitetura, Dirce Eleonora Nigro Solis e Fernando Delfino de Freitas Fuão (orgs.). Edurj, Rio de Janeiro, 2014.

FUÃO, Fernando. *As formas do acolhimento na arquitetura*. Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com.br/2015/07/httpwww.html>>.

FUÃO, Fernando. *A porta*. Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com.br/2016/09/a-porta-fernando-fuao-figura.html>>.

FUÃO, Fernando. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2011.

GOMES, Luís Eduardo. ENTREVISTA a Héctor Poggiese. *Remoções são como guerras e desastres, mas nascem de decisões do poder público*. 31/08/2017. pp.1-17. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/remocoes-sao-como-guerras-e-desastres-mas-nascem-de-decisoes-do-poder-publico/>>.

HARVEY, David. *A liberdade da cidade*. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 26, pp. 09 - 17, 2009.

JACQUES, Paola B. *Estética das favelas*. Arqtextos, São Paulo, ano 02, n. 013.08, Vitruvius, jun. 2001 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/02.013/883>.

LEMOS, José Carlos Freitas. *Para uma história da desigualdade*. Tese (doutorado); Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2010. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/23754>

LEMOS, José Carlos Freitas. *Parrésia arquetônica: tensão ética no pensamento sobre a cidade*. IV ENANPARQ, Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Ciudad collage*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 1982  
SILVA, Juremir Machado da. Jacques Derrida e as visões de Marx (entrevista). In *Visões de uma certa Europa*. Juremir Machado da Silva (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SOLIS, Dirce E. *Desconstrução e arquitetura, uma abordagem a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro; Editora Uapê. 2009.

SOLIS, Dirce. E. *Jacques Derrida e a ética da hospitalidade*. Revista de filosofia. SEAF, Ano V, n.5, nov. 2005.

VAN EYCK, Aldo. *La interioridade del tempo*. In: Jencks, C.; Baird, G.; *El significado en arquitectura*, Madrid, Hermann Blume, 1975.